

Dobras do afeto

A filosofia como instrumento para a psicanálise

Foldings in the affects

Léa Tavora¹

Resumo: Lacan identifica no original alemão do artigo freudiano *Die Verneinung* (1925) o progresso dos processos psíquicos desde o momento em que uma idéia regida pelo princípio do prazer/desprazer é associada a uma carga negativa, e recalçada. Uma segunda negação instala-se o retorno da representação, uma dobra, privada de seu afeto. Segundo os momentos da dialética hegeliana – afirmação, negação e negação de negação – esta idéia pode então emergir do inconsciente, desde que o princípio de realidade, agora atuante, a conecte a uma negação lógica. São as dobras do afeto, que a psicanálise francesa vem estudando sob o título de “trabalho do negativo”, ligadas a vários sintomas e principalmente ao processo de perlaboração.

Palavras-chave: Afirmação (*Bejahung*), negação (*Verneinung*), negação de negação (*Aufhebung*), recalque, trabalho do negativo, princípios do prazer/desprazer, perlaboração.

Abstract: Lacan identifies in the german original of the Freudian article *Die Verneinung* (1925) the progression of the psychical processes since an idea at its first moment ruled by the pleasure/unpleasure principle is associated to an unpleasurable energy and so has to be repressed, negated. A second negation creates the return of the idea, as its folding, deprived of its affect. According to the moments of hegelian dialectic – affirmation, negation and negation of negation – this idea can emerge from the unconscious since the reality principle, now at work, once this idea is linked to a logical negation. The are the foldings of the affects studied by the french psychoanalysis as the work of the negative, connected to various symptoms and specially useful at the working through.

Keywords: Affirmation (*Bejahung*), negation (*Verneinung*), negation of negation (*Aufhebung*), repression, the work of the negative, logic, pleasure and displeasure principles, working through.

1. Psicanalista. Membro Efetivo/CPRJ, Mestre em Filosofia pela PUC – Rio. Tese apresentada em 1986 ao Departamento de Filosofia. Doutor em Filosofia pela PUC – Rio. Tese apresentada em 1994 ao Departamento de Filosofia.

Tive um “Mestre de Pensar”. Falava alto, agitava furiosamente as mãos, em estado de “honrada indignação” quando eu (e certamente todos os pacientes) protestávamos contra sua violência às vezes, destemperada. Estudante convencional até então, eu o ouvia transmitindo idéias novas, muitas vezes de autores que me eram desconhecidos. Ele legitimava qualquer teoria enquanto ferramenta de trabalho. Misturava pensadores numa rica interdisciplinaridade, autores que só vim a identificar depois. Falava em alteridade – comigo era seu carro-chefe – quando eu ainda desconhecia Lacan e seu outro, principalmente seu Outro. Estávamos sempre numa mistura de idiomas, como nos sonhos: várias linguagens. Filósofos eram citados sem seus nomes, não como meras teorias, mas aplicados ao que estávamos vivendo nas sessões. Lacan havia aberto estes caminhos.

Sabíamos que o psiquismo funciona dialeticamente? Sabíamos que Freud conhecia a lingüística de Saussure? Sabíamos que “gramáticos” tinham descoberto conceitos psicanalíticos através do estudo da linguagem? Sabíamos que na psicanálise a relação com outro Sujeito parafraseava a relação do Mestre e do Servo da filosofia? Sabíamos que S. Agostinho tinha uma rica filosofia da linguagem? Tudo era transmitido sem aspas, incluído na compreensão, numa enorme liberdade. Era o modo de pensar que o Mestre tinha adotado.

Pensamento é teoria, e teoria não é realidade. Não existem, por exemplo, pulsões ou representações enquanto tal, entidades. Existem, sim, fenômenos que se comportam de certas formas possíveis de descrever deste ou de outro modo. Observação e idéia têm estatutos diferentes, e é preciso fazer o percurso entre elas. Quando a realidade se manifesta numa análise, ela se abre ao desvelamento por diferentes ângulos. Por isto várias psicanálises, vários autores, vários filósofos, vários modos de pensar. Várias teorias do sujeito – não que o ser humano tivesse realmente mudado –, mas apenas adquirido e, principalmente, exposto novos aspectos de si mesmo. Michel Foucault deu um curso no Collège de France, abordando teorias do sujeito desde Sócrates. Novidade? Não. Se o mundo se altera, a relação do sujeito com ele também.

Um dia me disseram: “O Hélio não está mais conosco”. Sozinha, me incumbi de percorrer o caminho que ele me apontara. Aceitar contribuições da filosofia, com tantos pensadores, no início com Outro de Lacan e a dialética de Hegel. Como era possível concordar com filósofos diferentes? Aprendi que cada sistema de pensar tinha sua coerência interna, o que permitia que com isto explicássemos muita coisa com fórmulas diversas, empregando

um sistema abrangente ou um recorte dele. O instrumental era ilimitado. Minha tese acabou sendo a do Mestre, mesmo na sua ausência.

Justificando-me nos fundamentos, em Freud, esbarrei com “Pulsões e seus destinos” (1915), onde Freud descreve detalhadamente como se fez a teoria psicanalítica: de uma mera intuição, a uma descrição; retorno a outro contato com a realidade que ajusta a descrição; e então a uma nova lei. Freud tentava provar a cientificidade da psicanálise, mas na verdade descrevia o método de pensar, a epistemologia em qualquer campo. As ciências humanas nasciam e tomavam força paralelamente às ciências ditas exatas.

Entre ciência natural (*Naturwissenschaft*) e outro tipo de conhecimento que ainda não tinha um lugar de direito – ciências humanas – emergia um conhecimento sobre o homem que se permitia utilizar de muitos outros. Nosso tema deste ano, o conceito de afeto, nunca foi objeto de nenhum trabalho específico de Freud, e aí reside o problema hoje. “O afeto na contemporaneidade” se depara com inúmeras concepções hoje e sempre. Seria o “afeto” em português do Houaiss, do Aurélio, ou do “*affect*” que só existe para o francês da psicanálise? Ansiedade (*anxiety*) ou angústia (*Angst*), que escuto como diferentes? Porque para Freud, nosso fundamento, o que traduzimos como afeto muda conforme a época e a obra.

O afeto é mencionado pela primeira vez numa carta a Fliess (1894) como “manifestação das pulsões sexuais” e logo depois também no *Projeto de uma Psicologia para neurologistas*, trabalho que constitui uma das curiosidades da história da psicanálise. Escrito em 1895, desaparece sem ser publicado, só sendo resgatado nos últimos anos da vida de Freud por Marie Bonaparte. Ela lhe atribui a maior importância mas Freud impede sua publicação, que só acontecerá postumamente em 1950. Este “Projeto” pretende ser uma descrição científica dos processos psíquicos, e apesar dos esforços de Freud em escondê-lo, constitui o modelo neurológico de toda a obra freudiana. Este modelo será reconstituído em termos psicológicos na *Interpretação dos Sonhos* (1900), e respeitado, em linha gerais, através de toda a sua obra. A psicologia científica que Freud e a ciência da época buscam inicialmente trabalhará com a idéia de uma quantidade de energia (*quantum* de afeto) ou energia de investimento (*Affektbetrag*) – determinada, mas não mensurável – percorrendo elementos físicos idênticos apesar de discretos (neurônios) aos quais “afeta”, altera. O esquema da Seção Regressão do Capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900) que descreve o percurso do estímulo no aparelho psíquico já estava implícito no “Projeto” (1895)

e, com pequenas alterações – ou melhor, aperfeiçoamentos – continuará eficiente.

Desde o modelo do *Projeto* vemos o organismo como um aparelho de livrar-se de estímulos, internos e externos. Os estímulos externos têm modos simples de descarga, mas os internos precisam de procedimentos mais elaborados. Cada representação acoplada a seu afeto – se não o for, resultará numa patologia – descarrega-se através de processos de pensamento, linguageiros, que levam à ação. A fragilidade da conexão representação/afeto mostra-se nos efeitos de seu esgarçamento: o afeto pode ser convertido (histeria de conversão), deslocado (obsessões), ou transformado na neurose de angústia. Neste trajeto, o afeto manifesta-se nas formações do inconsciente.

Esta teoria nasceu na clínica onde Freud encontrava nas neuroses de transferência sintomas expressivos de forças maiores ou menores, quantidades. Como a função do organismo é livrar-se de estímulos, há desprazer na carga e prazer na descarga. O afeto é então um conceito metapsicológico, predominantemente econômico, que, se desprazeroso, exige a primeira defesa, o recalque.

Tema difícil, pouco claro na obra de Freud. Confundindo-se com os conceitos de pulsão e angústia, em suas acepções enquanto *Affektbetrag* (*quantum* de afeto, carga, quantidade de energia pulsional) e energia de investimento, só pode ser compreendido na evolução da obra de Freud.

Como as idéias são constituídas de uma parte representativa e outra parte energética, a separação destes dois componentes dará a cada um a diferentes destinos. Como nos exemplos acima, os conteúdos são deformados, os afetos serão inibidos.

“Podemos observar, ao lado dos sintomas físicos da histeria, um certo número de desordens psíquicas. ... São mudanças na passagem e na associação de idéias, inibições da atividade voluntária, aumento e supressão de sentimentos, etc., que é possível resumir em mudança na distribuição normal de quantidades estáveis de excitação sobre o sistema nervoso.” (Enciclopédia de Villaret em 1892):

É possível então esclarecer um conceito psicanalítico através de uma ferramenta filosófica. Escolhemos a questão do negativo ou negatividade, tal como apresentada no artigo *A denegação*, onde Lacan e Jean Hyppolite encontram e expõem no Seminário I, uma *Verneinung*, uma *Aufhebung* hegeliana fazendo uma superação parcial da superação do desprazer anteriormente operada pelo recalque. Visualizo estas superações como dobras, retornos sucessivos no esquema freudiano da passagem do impulso

através do aparelho psíquico. É um exemplo perfeito e esclarecedor dos resultados da conjunção de psicanálise e filosofia. *Aufhebung* é o termo especificamente hegeliano que significa uma negação de negação dialética, momento onde se desfaz uma negação anterior. Significa “conservar na mudança”, o momento em que uma representação antes recalcada pode emergir sob certas condições.

Sintetizando o texto de 1925: um paciente diz a Freud sobre uma figura de seu sonho: “Esta não é minha mãe.” Freud afirma que este “não” é a marca do inconsciente. A representação “mãe” foi mantida no discurso, mas despida do afeto desprazeroso que lhe correspondia – e que levou ao recalque – por meio de uma negação lógica. Então

“O motivo e a finalidade do recalque são evitar o desprazer. Portanto o destino do *quantum* de afeto pertencente ao representante [mãe] é muito mais importante que o da [própria] representação. É ele que decide o juízo que damos ao recalque.”

Este artigo elucida uma das formas de resgatar o material recalcado. A representação “mãe” volta à consciência. Mesmo assim, o trabalho da *Aufhebung* não resolve totalmente o problema. Sem reunir a “mãe” ao afeto desagradável que lhe correspondia, pouco foi conseguido. Então Freud encontrou a sequência de processos na estrutura de uma fala, agora rica de possibilidades. Seus momentos são:

1. Representação: mãe + afeto (desprazer)
2. Recalcamento do afeto = primeira negação
3. Negação lógica: negação de negação = *Aufhebung*
4. A representação emerge sem o afeto

Talvez a contribuição filosófica para a filosofia tenha sido máxima neste exemplo em que a dialética hegeliana desvenda a rede dos momentos psíquicos. O que pode ser mais importante do que estabelecer o momento inicial, ainda regido pelo princípio do prazer, o da tentativa de “apreender” a coisa? E no domínio do princípio de realidade, paralisar-se perante o afeto doloroso deste encontro, e só poder de “falar” a coisa, se este afeto for retirado? Não foi sem razão que todo um grupo da psicanálise francesa trabalhou este tema, que André Green denominou o “trabalho do negativo”.

O que significa esta sequência de momentos? O conceito de negação é domínio da filosofia, desde Parmênides. Categoria limite, conceito limite, a negação vem opor-se (este é o sentido inicial) a um primeiro momento, anterior, denominado segundo as diferentes épocas e teorias como “afirma-

ção”, “posição”, “colocação” (*setzen, Bejahung*). Mas este tipo de pensamento – já chamado de dialética – contrapunha a um Ser (positivo) “que era”, um não-Ser (negativo) “que não era”, não podia existir. Pensar este Ser único, fixo imóvel, era pensar o abstrato. A verdade sobre objetos que pudessem alterar-se mover-se, nascer, morrer, “tudo o que importa” ao homem da psicanálise ficava fora do alcance, como já se queixara Platão.

“Nós nos deixaremos tão facilmente persuadir que o movimento, a vida, a alma, o pensamento, não têm lugar no seio do Ser universal, o qual não vive nem pensa, e que, solene e sagrado, vazio de intelecto, fica lá, cravado, sem poder mover-se?”

Nosso paciente não faz metafísica. Ele fala da “sua mãe”, dos fenômenos do mundo em que vive, de suas relações e cargas afetivas. A afirmação da “mãe” já estava lá, antes que o afeto de desprazer a recalcesse numa primeira negação. Inicialmente, antes de tudo, o homem a captara enquanto coisa do mundo. Presença. Mas tendo de trabalhá-la gradualmente em palavras, transformara esta presença em ausência. O real, a coisa “mãe”, não era atingível. Neste afastamento entre a coisa e a palavra ficam as mediações, estão as negações. O conjunto representação/afeto sofre alterações, seu fluxo é alterado numa ou outra direção. São as dobras. Está gerado um movimento, transições, em que os momentos da relação estão presentes de diferentes formas: o presente, os passados, os superados. A “mãe” aparece ainda truncada, sem o afeto que lhe correspondia. Mas agora começa a análise, a possibilidade de perlaboração.

Pensando no que se alterou hoje em dia – e em qualquer período – na dinâmica dos sujeitos e dos afetos é o fato que eles precisam conectar-se a situações externas novas, criadas no mundo por eles mesmos, e seu retorno. Ou será, no sentido inverso, novas representações que exigem novos afetos? Independentemente dos fenômenos que nos são trazidos em análise, manifestações da teoria, me parece que o fundamento destas mudanças é o esquema que Freud apontou desde tão cedo: a disparidade entre as representações que o mundo nos cobra, e o afeto – dor ou amor, prazer ou desprazer – que, a cada momento da história, nos permitimos atribuir a eles. Talvez a chave do necessário reajuste entre sujeito e cultura contemporâneos esteja no recalque, produzido pela primeiro desequilíbrio entre afetos (que, neste momento, de sua obra Freud usa como resíduo apenas das experiência de dor) e estados desejantes.

Léa Tavora

Rua Jardim Botânico, 622/103/B
Jardim Botânico – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2540-9870
E-mail: leatavora@terra.com.br

Referências

GREEN, André. *Le discours vivant: la conception psychanalytique de l'affect*.

Paris, PUF, 1973.

_____. *Narcisisme de vie - narcissisme de mort*. Paris, Minuit, 1983.

_____. *Le travail du négatif*. Paris, Minuit, 1993.

FREUD, Sigmund. *Carta a Fliess de 1894*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, I).

_____. *Projeto de uma psicologia para neurologistas*. London: The Hogarth Press, 1985. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, I).

_____. *Novas conferências introdutórias XXXII*. London: The Hogarth Press, 1985. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, XXII)

_____. *Negation*. London: The Hogarth Press, 1985. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, XIX).

_____. *O problema econômico do masoquismo*. London: The Hogarth Press, 1985. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, IXX).

ROSENBERG, Benno. *Masoquismo de morte e masoquismo criador de vida*.

(Cópia do documento enviado para tradução e publicação em língua espanhola, gentilmente cedida pelo autor).

_____. *La négation. Les cahiers du Centre de Psychanalyse et de Psychothérapie*, n. 2, Printemps 1981.

ROSENBERG, Benno et al. *Négation et perlaboration*. (Intervenção no Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa, junho de 1981).

TAVORA, Léa. *Raízes hegelianas no pensamento de Freud*. Tese (Doutorado) – PUC-Rio, 1994.

Artigo recebido em 21 de julho de 2008
Aprovado para publicação em 05 de agosto de 2008